



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE GEOGRAFIA, DESENVOLVIMENTO E MEIO
AMBIENTE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

IZABELLY QUEIROZ SILVA

**A UTILIZAÇÃO DE MAPAS MENTAIS ENQUANTO REFLEXÃO PARA A
CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE LUGAR; EXPERIÊNCIA COM ALUNOS DO
9º ANO**

MACEIÓ-AL

2020

IZABELLY QUEIROZ SILVA

**A UTILIZAÇÃO DE MAPAS MENTAIS ENQUANTO REFLEXÃO PARA A
CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE LUGAR; EXPERIÊNCIA COM ALUNOS DO
9º ANO**

Trabalho de conclusão de curso submetido ao curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Alagoas para a obtenção de entendimento sobre o ensino da Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Kinsey Pinto

MACEIÓ-AL

2020

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

S586u Silva, Izabelly Queiroz.
A utilização de mapas mentais enquanto reflexão para a construção do conceito de lugar : experiência com alunos do 9º ano / Izabelly Queiroz Silva. – 2021.
47 f. : il. : color.

Orientador: Kinsey Pinto.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Geografia: Licenciatura) –
Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio
Ambiente. Maceió, 2021.

Bibliografia: f. 45-47.

1. Geografia - Estudo e ensino. 2. Cartografia. 3. Percepção geográfica. I. Título.

CDU: 372.891.2

RESUMO

É um lugar-comum nos dias de hoje a necessidade de uma Geografia que se aproxime da realidade sócio-espacial dos alunos, relacionando as vivências e cotidiano como ponto inicial para que a construção do conhecimento geográfico seja efetivado em sala de aula. Incluir a categoria “Lugar” permite a facilitação no processo de aprendizagem e reflexão sobre o meio ao qual estão inseridos, remetendo em sua formação suas implicações sociais, culturais, dentre outras, tornando o aluno, um protagonista na aprendizagem geográfica. Relacionar os saberes cotidianos do aluno e os saberes geográficos aprendidos na escola é fundamental para a eficácia do ensino de Geografia, colaborando para a visão do cidadão crítico, conhecedor e participante do espaço. Desse modo, partimos do pressuposto de que o ensino de Geografia deve ser alvo de uma renovação constante a fim de contribuir para o melhoramento de métodos capazes de surtir efeitos práticos no cotidiano dos alunos, sendo necessária a compreensão da relação que se faz entre as vivências sócio espaciais do aluno, ou ainda do lugar em que eles estão inseridos e a construção do conhecimento geográfico na escola. A proposta de produção dos mapas mentais pelos alunos, consiste em representar fatos cotidianos que os circundam e que, por serem corriqueiros, podem estar despercebidos, mas que ao realizar o exercício de transpor, movimenta estruturas fundamentais a cartografia, e assim à Geografia, por se tratar da especialização de fenômenos através da representação. Se o espaço se transforma, e de forma veloz, estudá-lo não é algo simples, é complexo, mas a Geografia está para isso, para as questões complexas desse mundo, buscando respostas para a construção do conhecimento, e dessa forma, validamos a própria Geografia, afinal, todo lugar é lugar para a Geografia.

Palavras-chave: Ensino; cartografia; escola; bairro.

ABSTRACT

The need for a Geography that gets closer to the social-spatial students' reality is evident, relating the experiences and the everyday as initial point for the geographical knowledge building to be efficient in the classroom. Including the category "Place" makes the learning process easier and leads to reflection about the environment in which they're inserted, providing them social and cultural implications, among others, making the student a protagonist in the geographical learning. Relating the student's everyday knowledge to geographical knowledge learnt at school is fundamental to the efficiency of Geography teaching, contributing to the vision of a critical citizen, that knows and takes place in the space. This way, we begin with the premise that teaching Geography must be a target of constant renovation in order to contribute to the improvement of methods capable of provoking practical effects in the student's routine, being necessary the comprehension of the relations between the student's socio-spatial experiences, or the place in which they're inserted and the geographical knowledge construction at school. The proposal of mental maps production by the students consists in representing everyday facts that surround them and that, for being common, may be unnoticed, but, in doing the exercise of transposing, moves the main structures of cartography, and consequently of Geography, if we consider the specialization of phenomena through representation. If the space is transformed, and quickly, studying it isn't easy, it's complicated, but that's what Geography is for, for this world's complex matters, seeking answers to the knowledge construction, and, this way, we validate Geography itself, after all, every place is a place for Geography.

Key words: teaching; cartography; school; neighborhood.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Subcategorias do Espaço Geográfico	19
Imagem 2: Mapa Mental.....	24
Imagem 3: Bairro de Maceió.....	28
Imagem 4: Alunos em análise sobre a letra da canção	30
Imagem 5: Representação social	32
Imagem 6: Elaboração dos mapas mentais	33
Imagem 7: Representação social	35
Imagem 8: Representação social	36
Imagem 9: Representação social	37
Imagem 10: Representação social.....	38
Imagem 11: Representação social.....	39
Imagem 12: Representação social.....	40

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 GEOGRAFIA ESCOLAR: QUESTÕES TEÓRICAS	11
A GEOGRAFIA COMO CIÊNCIA E O ENTENDIMENTO DO ESPAÇO-MUNDO	
11	
O ENSINO DA GEOGRAFIA E SUAS IMPLICAÇÕES.....	14
3 A CATEGORIA LUGAR	17
CONSIDERAÇÕES SOBRE A CATEGORIA LUGAR	17
A IMPORTÂNCIA DA CATEGORIA LUGAR PARA O ENSINO DE	
GEOGRAFIA	20
MAPAS MENTAIS E A COMPREENSÃO DO LUGAR: REPRESENTAÇÕES	
SOCIAIS	22
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	26
METODOLOGIA ADOTADA	27
O BAIRRO DA JATIÚCA COMO CONTEXTO DA ESCOLA ALVO DA	
PESQUISA	28
UM ESTUDO SOBRE A CATEGORIA LUGAR ATRAVÉS DOS MAPAS	
MENTAIS NA ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR ROSALVO LOBO.....	29
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	44

1 INTRODUÇÃO

Em nosso país o ensino de Geografia é parte obrigatória na grade curricular da educação básica, no entanto, sua prática tem enfrentado diversos problemas como apresentam vários autores como Callai (2001), Castrogiovanni (2002), Cavalcanti (2002), que apontam a ineficácia da Geografia escolar como possibilidade de aprendizagens significativas no contexto da formação para o exercício da cidadania, sendo necessária a reflexão acerca de métodos que possibilitem o alcance de objetivos reais.

É evidente a necessidade de uma Geografia que se aproxime da realidade socioespacial dos alunos, relacionando as vivências e cotidiano como ponto inicial para que a construção do conhecimento geográfico seja efetivada em sala de aula. Incluir a categoria “Lugar” permite a facilitação no processo de aprendizagem e reflexão sobre o meio ao qual estão inseridos, remetendo em sua formação suas implicações sociais, culturais, dentre outras, tornando o aluno, um; protagonista na aprendizagem geográfica. Relacionar os saberes cotidianos do aluno e os saberes geográficos aprendidos na escola é fundamental para a eficácia do ensino de Geografia, colaborando para a visão do cidadão crítico, conhecedor e participante do espaço.

Desde quando nascemos aprendemos sobre o nosso lugar. Nossos primeiros professores são nossos pais, que de forma afetuosa, constroem representações de lugares e objetos que facilitaram nosso conhecimento. Inicialmente partindo do espaço da nossa casa, e depois para além dela, do lugar em si, a exemplo da nossa rua, nosso bairro e nação.

No ensino de Geografia, especificamente tratando sobre a categoria lugar, os mapas mentais se traduzem como ferramenta pedagógica eficaz para a compreensão do espaço vivido. Estes podem ser entendidos como imagens espaciais que as pessoas têm de lugares, podendo representar espacialmente os lugares construídos do presente ou do passado formadas a partir do conhecimento social, cultural, histórico e econômico. Desse modo, é possível levar a criança a realizar novas descobertas e redimensionar a experiência com o seu próprio lugar através das representações da vida cotidiana, dos valores e suas representações pessoais, permitindo estabelecer relações com o modo como cada um enxerga o seu lugar de convívio.

Nesse contexto, a Geografia se apresenta transformando o olhar do aluno que dela se apropria, trazendo à tona um indivíduo crítico, capaz de analisar o seu lugar, criar e recriar caminhos, formando um conhecimento mútuo.

Desse modo, partimos do pressuposto de que o ensino de Geografia deve ser alvo de uma renovação constante a fim de contribuir para o melhoramento de métodos capazes de surtir efeitos práticos no cotidiano dos alunos, sendo necessária a compreensão da relação que se faz entre as vivências socioespaciais dos alunos, ou ainda do lugar em que eles estão inseridos e a construção do conhecimento geográfico na escola.

O trabalho tem como tema “A utilização de mapas mentais enquanto reflexão para a construção do conceito de lugar; experiência com alunos do 9º ano”. Diante do tema exposto, serão levantadas o seguinte problema de pesquisa: “De que modo o ambiente de convívio interfere ou contribui para a visão de mundo dos alunos? A partir, deste problema, surge o questionamento de “como o ensino de Geografia pode colaborar para a formação de cidadãos críticos?”.

A justificativa pessoal para a escolha do tema, complementando as motivações acadêmicas e sociais já apresentadas, está na oportunidade em poder estudar um pouco do meu lugar, tendo como lócus da pesquisa a escola onde estudei por doze anos, além de admitir, enquanto professora de Geografia, a importância do conceito de lugar para a ciência geográfica. A partir do momento que consegui identificar o lugar em que vivia e suas características, pude expandir meu conhecimento, analisando outros lugares e ampliando minha visão de mundo.

Assim, o trabalho pretende admitir a importância do reconhecimento do lugar no ensino de Geografia, a partir do uso de mapas mentais, colaborando para a compreensão acerca da visão dos alunos quanto ao contexto ao qual a escola está inserida. Para tal, apresentamos o seguinte o objetivo geral:

ANALISAR a categoria lugar como elemento imprescindível para o ensino de Geografia e a colaboração do ensino de Geografia na construção do pensamento crítico a partir do uso de mapas mentais.

E para alcançarmos o principal objetivo desta pesquisa, delineamos os seguintes objetivos específicos:

COMPREENDER a visão de mundo pelos alunos do ensino fundamental de uma escola pública no bairro da Jatiúca, tendo a escola como estrutura referencial de localização e contexto ao qual estão inseridos;

PROMOVER um questionamento entre os alunos a fim de verificar a importância do lugar de convívio para a construção do cidadão crítico, evidenciando o bairro da escola.

A fim de verificar a literatura existente na área, realizou-se um levantamento bibliográfico em diversos bancos de dissertações, artigos e teses, por meio de descritores referentes ao ensino de Geografia, a importância da categoria lugar para o ensino geográfico e o uso dos mapas mentais como ferramenta pedagógica na construção do pensamento crítico, referenciando vários autores como Milton Santos (1996), Castrogiovanni (2001), Ana Fani Carlos (2007), entre outros.

Considerando o objetivo proposto para este trabalho, as seções apresentadas buscam delinear e estruturar o trabalho a fim de levar o leitor a envolver-se com a temática e visualizar o percurso realizado para efetivação da pesquisa. Assim, o texto se estrutura em três seções. O primeiro Capítulo – *Geografia escolar: questões teóricas* — traz a Geografia como ciência e suas relações com o entendimento do espaço-mundo, que por sua natureza e objeto de estudo, tem como função explicar os fenômenos sociais e naturais segundo o aspecto espacial, propondo-se a analisar as múltiplas interações entre ser humano e natureza, que resultam na produção de novos espaços, bem como suas implicações no ensino de Geografia.

O segundo Capítulo – *A categoria lugar* — apresenta as considerações sobre a categoria lugar e sua importância no ensino da Geografia, expressando a categoria como porção espacial vivida cotidianamente pelo aluno, pelo professor e por todos que pode contribuir significativamente para a compreensão do espaço geográfico como um todo, tal como o uso dos mapas mentais como recurso pedagógico eficaz para o entendimento do lugar.

No terceiro Capítulo – *Resultados e Discussões* – Inicialmente abordamos a metodologia a fim de atender aos objetivos desta investigação, sendo utilizada a pesquisa qualitativa como forma de abordagem metodológica, apoiada por Oliveira (2000). O processo metodológico partiu da aplicação de mapas mentais com os alunos do ensino fundamental de uma escola pública localizada em um dos bairros de Maceió. Estes possuem significados subjetivos, e podem trazer representações da natureza, de uma região, território ou lugar, estando ligada a percepção que os indivíduos possuem do espaço vivido por eles, sendo traçados laços sociais, impressões e experiências que trazem sensações, lembranças, e significado,

visando compreender a percepção dos alunos em relação a lugar ao qual a escola está inserida. Em seguida, foram delineadas as principais características do bairro da Jatiúca como contexto da escola alvo da pesquisa. Finalmente são apresentadas as percepções sobre a categoria lugar através dos mapas mentais produzidos pelos alunos da Escola Estadual Professor Rosalvo Lobo, através de reflexões com apoio teórico, oferecendo assim suporte para a conclusão do trabalho por meio das *Considerações finais*, que trazem as possíveis contribuições do uso dos mapas mentais para o ensino de Geografia, e especificamente na compreensão do lugar como reconhecimento cidadão.

2 GEOGRAFIA ESCOLAR: QUESTÕES TEÓRICAS

A GEOGRAFIA COMO CIÊNCIA E O ENTENDIMENTO DO ESPAÇO-MUNDO

No mundo atual, um dos maiores desafios, principalmente para a educação, é formar sujeitos críticos, participantes e entendedores da realidade e do meio sócio espacial, portanto os estudos geográficos são imprescindíveis para este fim.

O espaço é produtor e reproduzidor do cotidiano. De acordo com Pinto (2010, pg. 28), “corresponde a um espaço construído e alterado pelo homem, pode ser definido como sendo o palco das realizações humanas nas quais estão as relações entre os sujeitos e desses com a natureza”. Castrogiovanni considera o espaço como:

[...] tudo e todos: compreende todas as estruturas e formas de organização e interações, é, portanto, compreensão da formação dos grupos sociais, a diversidade social, a diversidade social e cultural, assim como a apropriação da natureza por parte dos homens [...] (CASTROGIOVANNI, 2003).

Ainda sobre a complexidade do espaço geográfico, Suertegaray, define o espaço como:

[...] um todo uno e múltiplo, aberto a múltiplas conexões [...] o Espaço Geográfico pode ser lido através do conceito de paisagem e ou território, e ou lugar, e ou ambiente; sem desconhecermos que cada uma dessas dimensões está contida em todas as demais (SUERTEGARAY, 2001, p. 31).

Como objeto de estudo, a ciência geográfica, explica os fenômenos ocorridos socialmente e naturalmente de acordo com o aspecto espacial, onde a diversidade de interações resulta na produção de novos espaços. CALLAI (2005) analisa o papel da Geografia, discutindo o olhar espacial a partir de marcas inscritas nesse espaço, sob a condição social. A realidade atual global é entendida nesse sentido, sob a ótica de valorização, desvalorização, transformação dos espaços que se processa em uma velocidade cada vez maior, tornando a tarefa de entender o espaço cada vez mais complexa.

Quando todos os lugares foram atingidos, de maneira direta ou indireta, pelas necessidades do processo produtivo, criam-se, paralelamente, seletividades e hierarquias de utilização com a concorrência ativa ou passiva entre os diversos agentes. Donde uma reorganização das funções entre as diferentes frações de território. Cada ponto do espaço torna-se então importante, efetivamente ou potencialmente. Sua importância decorre de suas próprias virtualidades, naturais ou sociais, preexistentes ou adquiridas segundo intervenções seletivas (SANTOS, 1988, p. 10).

É inerente à Geografia discutir diversos aspectos da vivência humana, considerando a economia, a comunicação, a violência, os problemas urbanos e ambientais, entre outros. Nesse contexto é importante salientar que o aluno, como parte da sociedade, traz consigo vivências relacionadas ao seu lugar. São marcas de sua realidade social que o colocam numa condição não apenas como receptor de conhecimento, mas como participante deste espaço. Para Moreira, “A Geografia é um saber vivido e aprendido pela própria vivência. Um saber que nos põe em contato com nosso mundo exterior, com o seu todo e com cada um de seus elementos, a um só tempo” (MOREIRA, 2005, p.58).

A Geografia nos permite analisar os mais diversos fenômenos a partir da ótica espacial, envolvendo os aspectos físicos, relativos ao solo, vegetação, hidrografia, relevo, geologia, entre outros; aqueles considerados humanos, economia, cultura, população, sociedades, etc. Todos esses fenômenos são intrinsecamente ligados, onde a relação ser humano - natureza pode ser discutida e compreendida através da ciência Geográfica que através do espaço geográfico percebe a materialização desta realização pelas diferentes sociedades ao longo das diferentes épocas (SANTOS, 2010).

O Espaço Geográfico é produto do trabalho humano sobre a natureza e todas as relações sociais ao longo da história. O espaço Geográfico abriga todas as partes do planeta passíveis de serem analisadas, catalogadas e classificadas pelas inúmeras especialidades da ciência geográfica (PINTO, 2010, p. 29).

A ciência geográfica permite entender esse espaço, não somente como uma sucessão de paisagens estáticas, que supre as necessidades humanas através de seus recursos, nem tampouco um espaço determinante dominador, mas permite o entendimento de diversas condições de vida nos mais variados lugares. “O entendimento de categorias fundamentais da Geografia como paisagem, região,

espaço, lugar e território pode revelar muito sobre a ação humana na modelação da superfície terrestre” (SANTOS, 2010, p. 34).

Uma das maiores preocupações atualmente é analisar a Geografia enquanto ciência ensinada nas escolas como disciplina estabelecida pelos currículos, pois é evidente sua importância para o entendimento do mundo, sobretudo do espaço buscando o melhoramento do que é apresentado nas aulas, afim de que os alunos possam compreender o espaço em que vivem.

A maneira como esses conhecimentos são sistematizados e repassados para os alunos deve ser criteriosa. Durante muito tempo, as aulas de Geografia, valorizavam apenas a descrição de lugares e dos recursos naturais através da memorização principalmente de nomes de rios, cidades, capitais, entre outros. Posteriormente, outros aspectos do espaço foram aprofundados como a relação do homem com esse espaço ou com a natureza, e “principalmente a percepção de que existem várias forças atuantes na construção desse espaço e que por muitas vezes uma é dominante e outra é dominada” (SANTOS, 2010, p. 35).

Na Geografia, a questão da construção do cidadão crítico, tem sido alvo de vários estudos, dos quais destacamos: Cavalcanti (2001, 2002), Damiani (2001), e Callai (2005), que identificam o ato de conhecer o espaço como colaboração para uma visão mais crítica do aluno diante da sociedade em que vive. Callai (2005, p. 228), considera que “a leitura do mundo é fundamental para que todos nós, que vivemos em sociedade, possamos exercitar a cidadania”. Conhecer o mundo torna o aluno participante deste, de maneira que possa assumir uma nova postura diante do que lhe é imposto pela sociedade. Para Cavalcanti (2002), a cidadania é dita como o direito pleno do cidadão, não apenas de possuir estes direitos e deveres, mas exercê-los de forma ativa e democrática, incluindo a capacidade de criar novos direitos e ampliar outros, transformando direitos formais em direitos reais, que também inclui o direito à cidade, cuja produção está intrinsecamente ligada à vida cotidiana das pessoas.

Cidadania e espaço são indissociáveis, pois todo cidadão pertence a um bairro, cidade, estado, país, sendo assim, ele possui o seu lugar no espaço pelo qual influencia e é influenciado, tornando-se ciente dos seus direitos e deveres neste espaço em que habita, participando de sua transformação e, sobretudo, de sua apropriação.

Para Damiani (2001) existem dois tipos de espaço: o espaço geométrico e o espaço social. O espaço geométrico é constituído pela paisagem estática, enquanto o espaço social é criado quando o homem se apropria do espaço e se torna participante de sua produção. O homem vivencia esses dois, porém sua participação efetiva no espaço social é que o faz exercer a sua cidadania.

O cidadão se definiria como tal, quando vivesse a condição de seu espaço enquanto social, reconhecendo a sua produção e se reconhecendo nela. É infracidadão aquele que não se reconhece em sua obra e vivência, de forma alienada, suas relações humanas, sendo seu espaço vivido reduzido ao espaço geométrico (DAMIANI, 2001, p.52).

Cavalcanti (2001) reitera que o ensino da Geografia para crianças e jovens deve contribuir para formar raciocínios e concepções articuladas e aprofundadas em relação ao espaço, possibilitando aos alunos a prática de pensar os fatos e acontecimentos enquanto constituídos de múltiplos determinantes.

O ENSINO DA GEOGRAFIA E SUAS IMPLICAÇÕES

A partir do entendimento espacial, o aluno estará apto a pensar os fatos e refletir sobre a realidade a qual vivencia, contextualizando e relacionando fatos, com uma postura mais crítica e interpretativa da sociedade, mudando a concepção de que a Geografia é uma disciplina decorativa. Vesentini trata a Geografia como ciência que entende “o espaço geográfico como espaço social, construído, pleno de lutas e conflitos [...] No ensino, ela preocupa-se com o senso crítico dos alunos e não em arrolar os fatos para que ele memorize” (VESENTINI, 2001, p.36). É importante que o aluno perceba como a Geografia faz parte de seu cotidiano e que a disciplina não é “um conjunto de matérias compartimentadas, submersas em blocos onde se estudam ora fenômenos físicos, ora fenômenos sociais” (SANTOS, 2010, p.38). Para Kaercher:

É preciso formar uma consciência espacial para a prática da cidadania. Consciência espacial como sinônimo de perceber o espaço como um elemento importante de nossa organização social, presente no nosso cotidiano. Cidadania entendida aqui como uma pessoa que, sabendo de seu mundo, procura influenciá-lo, organizando-se coletivamente na busca,

não só dos seus direitos, mas também de uma sociedade mais justa e democrática. (KAERCHER, *et al.*, 2002, p.225).

Tornar o ensino da Geografia interessante para os alunos se constitui num desafio. Algumas dificuldades apontadas por Kaercher *et al.* (2002) incluem discutir a Geografia em conjunto; ligar a grande quantidade de conteúdos com a vida do aluno; o uso apenas do livro didático e pouca diversificação dos recursos, como mapas e outras fontes bibliográficas, etc. É necessário que o professor assuma a postura de pesquisador e que a opinião do aluno acerca do conteúdo seja valorizada. Todas essas questões devem ser levadas em consideração a fim de que a Geografia Escolar possa exercer seu potencial na formação do aluno como cidadão, instigando-o a compreender como a Geografia faz parte e contribui para o seu cotidiano.

Ao aluno, Kaercher *et al.* (1999, p. 32) afirmam que o professor deve “[...] instigá-lo a ver o mundo com mais criticidade e ação. Não lhe trazer apenas respostas e paz, pelo contrário, multiplicar perguntas”. Portanto incentivar um ensino com mais dinamismo, que seja atual e instigante, irá contribuir a fim de que o aluno compreenda melhor o espaço vivido e desse modo exerça sua cidadania plena.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular, o ensino de Geografia visa ao desenvolvimento global do aluno, a partir do desenvolvimento de competências e habilidades, sendo trabalhado de modo ao entendimento dos conceitos básicos da ciência geográfica, no entanto, este ensino deve ser voltado para o pensamento crítico sobre os conteúdos, onde o aluno através de suas vivências construirá conceitos, interligando os fenômenos geográficos entre a natureza e o ser humano, no tempo e no espaço. É necessário que percepção de escala espaço-temporal seja clara e concisa, explicando como os fenômenos universais estão presentes no contexto local e que são vivenciados pelos educandos. Para isso, o ensino deve ser estruturado de modo a permitir a análise de um mesmo fenômeno em diferentes momentos da história, facilitando dessa forma, análises mais complexas e críticas (BRASIL, 1999). É essencial para esse tipo de abordagem privilegiar o trabalho de campo, as vivências individuais e familiares trazidas pelos alunos, por meio do lúdico, de trocas, para além da sala de aula.

A concepção de que “o nível global e o nível local do acontecer são conjuntamente essenciais ao entendimento do mundo e do lugar. Mas o acontecer local é referido ao acontecer global” (SANTOS, 1996, p. 131). É primordial que os sujeitos entendam a realidade sob a ótica de um contexto amplo e complexo. Sobre o papel do professor quanto à leitura do mundo pelo aluno, Freire enfatiza:

Respeitar a leitura de mundo do educando significa tomá-la como ponto de partida para a compreensão do papel da curiosidade, de modo geral, e da humana, de modo especial, como um dos impulsos fundantes da produção do conhecimento. É preciso que, ao respeitar a leitura do mundo do educando para ir mais além dela, o educador deixe claro que a curiosidade fundamental à inteligibilidade do mundo é histórica e se dá na história, se aperfeiçoa, muda qualitativamente, se faz metodicamente rigorosa (FREIRE, 2001, p. 123).

É importante desenvolver no aluno a capacidade de relacionar o espaço com a natureza e com a sociedade, sobretudo compreendendo as relações estabelecidas sob os aspectos econômicos, culturais e políticos da realidade. Para a Base Nacional Comum Curricular – BNCC a grande contribuição da Geografia aos alunos da Educação Básica é proporcionar o desenvolvimento do pensamento espacial “[...] estimulando o raciocínio geográfico para representar e interpretar o mundo em permanente transformação e relacionando componentes da sociedade e da natureza” (BRASIL, 2017, p. 312). A utilização de diferentes ferramentas pedagógicas possibilita ao aluno uma forma de pensar própria, a partir de suas experiências, fazendo com que a compreensão no sentido geográfico, traga um olhar crítico a quem dela se apropria. Nesse sentido Callai (1998, p. 59) introduz a ideia de que a realidade do aluno deve ser tomada como princípio na explicação dos fenômenos, pois, “é mais fácil organizar as informações, podendo-se teorizar, abstrair do concreto, na busca de explicações, de comparações e de extrapolações”.

3 A CATEGORIA LUGAR

CONSIDERAÇÕES SOBRE A CATEGORIA LUGAR

O lugar é o espaço que nos está mais próximo, e que no nosso cotidiano, é a porção espacial mais vivida, portanto, contribui significativamente para a compreensão do espaço geográfico como um todo. Assim, para este trabalho, sua escolha, enquanto categoria se encaixa perfeitamente no contexto escolar, tornando o ensino de Geografia mais significativo para os alunos, uma vez que o lugar é vivenciado de perto por eles.

Na Geografia, as principais categorias são a base para um entendimento crítico geográfico: paisagem, território, região, espaço geográfico e lugar. Portanto, antes de tecermos considerações sobre a categoria lugar, é necessário um breve comentário acerca das demais categorias.

A paisagem é a porção do espaço que é visível: “Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca” (SANTOS, 1988, p. 21). Entretanto, o conceito de paisagem tende a privilegiar a coexistência de objetos e formas em sua face sociocultural manifesta (SUERTEGARAY, 2000). O campo de visibilidade, do que é visto e percebido é considerado a partir da experiência única de cada indivíduo. Desse modo, a paisagem pode ser considerada um texto que serve a uma multiplicidade de leituras. Por esse viés, admite-se que, tanto pela diversidade de arranjos e cenários como pelas diferentes maneiras de olhar e atribuir significados, seria mais adequado referir-se a "paisagens que emanam de uma mesma paisagem" (CABRAL, 2002, p.59). O território é o espaço “definido e delimitado por e a partir de relações de poder” (SOUZA, 2001, p. 78). A região refere-se a “uma continuidade do espaço com características semelhantes sejam elas econômicas, naturais, sociais ou culturais” (SANTOS, 2010, p.57). O espaço geográfico é compreendido por Santos como:

[...] uma totalidade, a exemplo da própria sociedade que lhe dá vida (...) o espaço deve ser considerado como um conjunto de funções e formas que se apresentam por processos do passado e do presente (...) o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações

sociais que se manifestam através de processos e funções (SANTOS, 1978, p. 122).

Por fim, o lugar que se constitui na parcela do espaço, vivenciado mais de perto pelo sujeito. Para entender o lugar, é necessário compreender que este é a base da reprodução da vida humana que relaciona o morador ou habitante, sua identidade e o lugar ao qual faz parte. Para Carlos:

As relações que os indivíduos mantêm com os espaços habitados se exprimem todos os dias nos modos do uso, nas condições mais banais, no secundário, no acidental. É o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo (CARLOS, 2007, p. 17).

A produção do espaço acontece no cotidiano sob as formas de apropriação, uso e ocupação de cada lugar, onde trabalho produzirá um espaço fragmentado e dividido socialmente. O lugar permitirá ao sujeito relacionar a vida, a moradia, lazer, trabalho e seus próprios conflitos com o mundo atual. Portanto, analisar o lugar revela:

[...]em sua simultaneidade e multiplicidade de espaços sociais que se justapõem e interpõem — no cotidiano com suas situações de conflito e que se reproduz, hoje, anunciando a constituição da sociedade urbana a partir do estabelecimento do mundial. O lugar é o mundo do vivido, é onde, se formulam os problemas da produção no sentido amplo, isto é, o modo onde em que é produzida a existência social dos seres humanos (CARLOS, 2007, p. 20).

Talvez o lugar seja a categoria mais importante para o ser humano, pois é a porção do espaço onde o sujeito mais se reconhece, através das relações afetivas e sociais. Carlos afirma que este: “É o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo”. (CARLOS, 2007, p.17). É a partir da junção de vários lugares que o espaço geográfico será formado.

Todos moramos em um lugar e temos familiares e amigos que moram em outros lugares. Estes diferentes lugares são ligados por ruas, avenidas, estradas. Pessoas, objetos e ideias fluem entre esses diferentes lugares, entrecruzam-se através das artérias que os põem em comunicação. Ajudam-se ou ignoram-se. De diferentes lugares são extraídos recursos que em diferentes lugares são transformados em objetos úteis e que são intercambiados entre diferentes homens. Uma combinação de lugares e de relação entre lugares tece uma unidade de espaço, o espaço geográfico, constituindo o espaço da existência dos homens (MOREIRA, 2005, p. 5657).

O Lugar revela muito sobre a sociedade, como foi formado historicamente, sua cultura e economia. Santos, observa o lugar como uma experiência que sempre se renova e através de suas heranças revela muito sobre o presente e o futuro. (SANTOS, 2000).

No interior da categoria lugar, Castrogiovanni (2006) considera uma subdivisão caracterizada pelo “lugar, não-lugar e entre-lugar” que nos permite uma leitura das identidades dos sujeitos, principalmente no Sub(espço) da escola. Para Massey (2008, p. 191), a categoria lugar é “como um tecer de estórias em processo, como um momento dentro das geometrias de poder, como uma constelação particular, dentro das topografias mais amplas de espaço, e como em processo, uma tarefa inacabada.” Pinto (2010), julga a identidade da sociedade de hoje como reflexo deste Sub(espço), cujas tensões também se configuram no cotidiano do ambiente escolar.

Imagem 1: Subcategorias do Espaço Geográfico

LUGAR	NÃO-LUGAR	ENTRE-LUGAR
PERTENCIMENTO	S/ PERTENCIMENTO	PERTENCIMENTO TEMPORÁRIO
IDEALIZAÇÃO	S/ IDEALIZAÇÃO	IDEALIZAÇÃO
OBJETIVAÇÃO	S/ OBJETIVAÇÃO	SEM OBJETIVAÇÃO

Fonte: PINTO, 2010.

O “lugar” pode ser entendido como espaço onde ocorrem as relações de identidade, como representação social dos sujeitos numa coesão entre a dimensão do espaço-tempo, passado e presente. O “não-lugar” representa um espaço de negação de uma identidade, onde o indivíduo não se identifica com o lugar em que vive (PINTO, 2010). Já o “entre-lugar” é compreendido como:

[...] um espaço de lugarização incompleta, estágio em que as relações de identidade são insuficientes para estabelecer algum vínculo “produtivo” entre sujeito e espaço, onde pode haver, ou não, conflitos entre idealização e realização (PINTO, 2010, p. 33).

É no lugar que convivemos mais efetivamente, é nele que os alunos podem visualizar os conceitos geográficos na prática, pois é ali que convivem diariamente, e podem se reconhecer como agentes transformadores do espaço, compreendendo assim a dinâmica do mundo.

A IMPORTÂNCIA DA CATEGORIA LUGAR PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA

No ensino de Geografia, a categoria lugar é essencial para maior eficácia da aprendizagem acerca das noções espaciais, tendo em vista que cada aluno carrega consigo as vivências adquiridas no lugar ao qual estão inseridos, servindo como ponto de partida para a construção dos saberes geográfico.

Na escola, a partir desta categoria é possível discutir temáticas políticas, econômicas, culturais, religiosas, entre outras, pois no lugar há uma interação de todas estas questões.

[...] a escola é o principal espaço onde, por meio das intencionalidades do professor, o mundo – para além da casa, do bairro e da cidade – é apresentado aos alunos. É a escola também que contribui (ou poderia contribuir) para ampliar a compreensão desse mundo. A Geografia, neste contexto, ocupa um lugar privilegiado porque é um campo científico e disciplinar que possibilita a compreensão da relação entre o mundo vivido do aluno e o mundo distante (NASCIMENTO, 2012, p.18).

É necessário tornar o lugar onde vive um objeto de estudo para os alunos, sobretudo nas aulas de Geografia da Educação Básica.

Os livros didáticos se constituem num objeto de auxílio aos alunos e professores, no entanto, pautar aulas exclusivamente pelo livro didático restringirá o aluno a uma vivência distante do seu cotidiano, sendo o lugar apreendido de forma especulativa e abstrata (NASCIMENTO, 2012). Para Callai:

Compreender o lugar em que vive permite ao sujeito conhecer a sua história e conseguir entender as coisas que ali acontecem. Nenhum lugar é neutro, pelo contrário, é repleto de história e com pessoas historicamente situadas em um espaço maior, mas por hipótese alguma é isolado, independentemente (CALLAI, 2000, p.72).

O conhecimento geográfico construído e articulado sob várias conjunturas, bem como a interação entre as escalas global e local são dados a partir da categoria lugar. Nesse sentido é importante destacar que: “hoje certamente mais importante que a consciência do lugar é a consciência do mundo, obtida através do lugar” (SANTOS, 2008, p.161).

Quando as vivências dos alunos são incluídas nas aulas, os saberes geográficos passam a ser elaborados não apenas pelos docentes, mas também pelos estudantes que se tornam protagonistas do espaço.

A Geografia, ao proporcionar novas leituras do espaço vivido cotidianamente, é um poderoso instrumento para a construção da cidadania ao fortalecer a identidade através da valorização do Lugar e da compreensão da articulação deste com o espaço global (AIGNER, 2006, p.211).

Sobre o papel da Geografia e as suas finalidades na formação dos alunos a respeito da compreensão do meio em que estes se inserem, Cavalcanti afirma que:

A finalidade de ensinar Geografia para crianças e jovens deve ser justamente a de ajudá-los a formar raciocínios e concepções mais articuladas e aprofundadas a respeito do espaço. Trata-se de possibilitar aos alunos a prática de pensar os fatos e acontecimentos enquanto constituídos de múltiplos determinantes (CAVALCANTI, 2001, p.24).

Pensar no ensino de Geografia quanto aos métodos a serem utilizados é necessário, pois uma Geografia meramente descritiva não exerce influência alguma para a formação social dos alunos, ao contrário de uma Geografia reflexiva que compreenda a realidade e as demandas desses estudantes. Portanto, um ensino que retrate a realidade dos educandos e se aproprie das experiências como ponto de partida para a construção do conhecimento, resultará em questionamentos com posicionamentos críticos no sentido de entender o mundo numa escala local e posteriormente avançando para a escala global.

Nos conteúdos da Geografia escolar, é interessante que as técnicas de representação sejam utilizadas em sua forma já constituída, ou a partir da sua construção conjunta no decorrer do processo de aprendizagem, possibilitando que o educando realize uma análise relacional do seu lugar e as realidades até então desconhecidas.

Colocar o aluno no papel de mapeador, mesmo sem os maiores rigores técnicos que a confecção dos mapas exigem, o trará para o universo de

construção das sínteses e correlações, sem algo pronto e acabado, onde caberá ao confeccionador representar suas próprias aspirações sobre os fenômenos espaciais nas diversas instâncias de sua percepção (SANTIAGO, 2017, p. 46).

A preocupação com o entendimento da espacialidade dos fenômenos vai além dos limites do livro didático e da sala de aula. O uso da cartografia na sala de aula é essencial para olhar o espaço geográfico e nos enxergarmos enquanto parte integrante, bem como produtores deste. No entanto, por mais que a cartografia se faça necessária para um efetivo ensino de Geografia, tal base pedagógica apresenta-se nas escolas, apenas com fins de localização.

[...] nem sempre os avanços são materializados no cotidiano da sala de aula, pois mesmo existindo materiais didáticos como atlas, o livro didático, os mapas-murais, o globo terrestre, etc., esses recursos são, muitas vezes, subutilizados no processo de ensino-aprendizagem, caracterizando um descompasso entre o desenvolvimento das pesquisas acadêmicas com a realização da prática escolar de Geografia (RICHTER, 2011, p.30).

Localizar os fenômenos é algo imprescindível para os estudos espaciais, entretanto, reduzir a cartografia apenas à localização é desconhecer suas demais potencialidades para o ensino-aprendizagem, além de empobrecer sua utilidade no desenvolvimento de certas estruturas cognitivas, através das habilidades cartográficas de leitura, localização, análise, correlação e síntese (SIMIELLI, 1999). Tecer inter-relações resultará no entendimento do espaço geográfico. Portanto, cada elemento deve ser analisado a partir da necessidade de utilizar a leitura realizando as devidas correlações.

MAPAS MENTAIS E A COMPREENSÃO DO LUGAR: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Ao decorrer do tempo o ser humano tem se comunicado tanto verbalmente, quanto através de imagens que demonstram seu cotidiano, natureza e cultura. O significado dessas representações é construído e reconstruído de maneira coletiva nos processos que tratam relacionamentos sociais e conseqüentemente constituem as representações sociais.

As representações sociais podem ser definidas como um conjunto de imagens, ideias, valores e significados socialmente compartilhados e construídos num processo dinâmico, essenciais para a comunicação. Assim, “são imprescindíveis para o entendimento e a descrição das identidades e do imaginário dos indivíduos e do conjunto social, manifestando-se como —uma atmosfera, em relação ao indivíduo ou ao grupo” (MOSCOVICI, 2010, p. 53).

Ao mesmo tempo, que pondera as representações sociais que consideram a sociedade como um conjunto de indivíduos homogêneos, preparados para compartilhar ideias e concepções, Moscovici afirma que:

A teoria das representações sociais, por outro lado, toma, como ponto de partida, a diversidade dos indivíduos, atitudes e fenômenos, em toda sua estranheza e imprevisibilidade. Seu objetivo é descobrir como os indivíduos e grupos podem construir um mundo estável, previsível, a partir de tal diversidade (MOSCOVICI, 2010, p. 79).

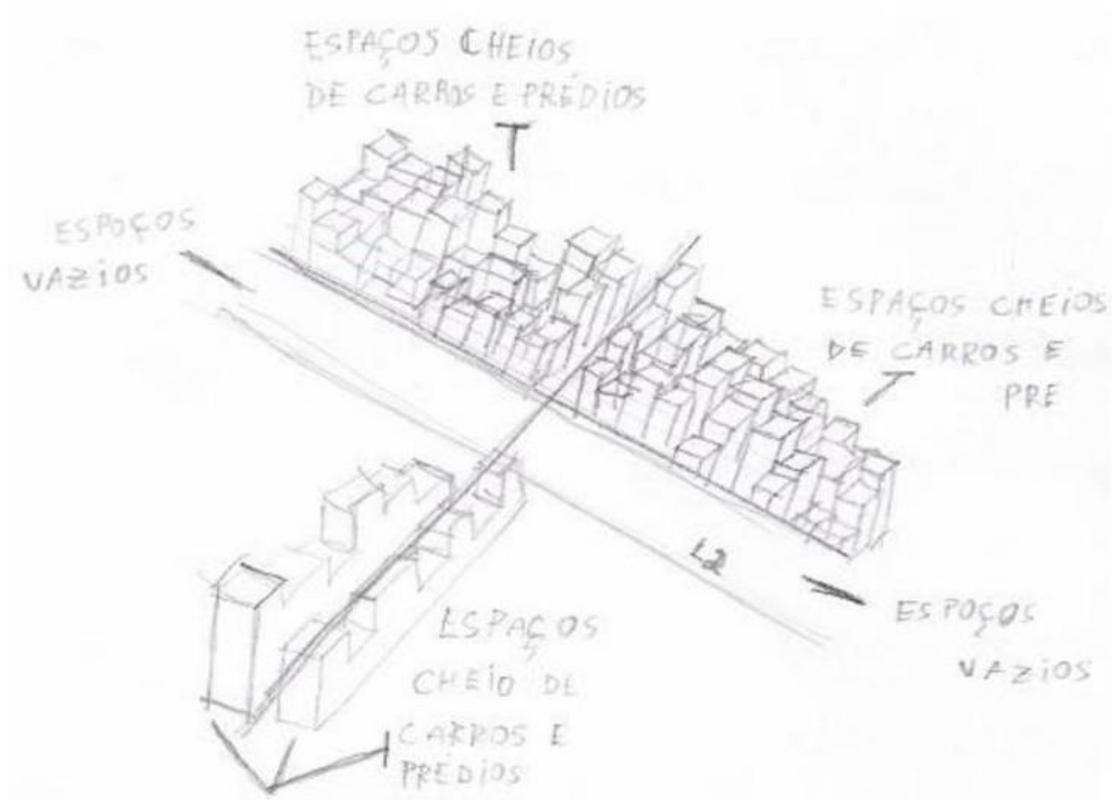
De acordo com Moscovici (2010), as representações sociais têm como objetivo, tornar familiar aquilo que não é, de modo a estabelecer relações de significado, imagens e símbolos com determinadas ideias, pessoas, situações, lugares, etc.

Ao analisar a construção do conhecimento em Cartografia nas séries iniciais da educação básica, Callai destaca a importância de se considerar o meio na construção de saberes:

O estudo do meio considerando que se deve partir do próprio sujeito, estudando a criança particularmente, a sua vida, a sua família, a escola, a rua o bairro, a cidade, e assim ir sucessivamente ampliando, espacialmente, aquilo que é o conteúdo a ser trabalhado (CALLAI, 2005, p. 228).

Dentre os materiais cartográficos utilizados em sala de aula como os mapas, croquis e maquetes, os mapas mentais funcionam como instrumentos de destaque, sobretudo, em estudos que propõe relacionar as análises mais complexas da cartografia, pois sugere ao estudante que sintetize e correlacione as suas impressões espaciais (SIMIELLI, 1999). Podemos observar o mapa a seguir, que foi desenhado por um indivíduo que nasceu e sempre viveu em Brasília.

Imagem 2: Mapa Mental



Fonte: PEREIRA, 2011.

Os elementos da percepção exclusivamente individual ao que se refere à cidade de Brasília ao ser solicitado o desenho de um mapa. O desenho mostra uma imagem clara de como a pessoa que o elaborou enxerga a cidade. Os apontamentos nos auxiliam também nessa compreensão. Uma cidade que se divide em espaços vazios e espaços preenchidos por carros e prédios, polarizando a estrutura da cidade.

Na confecção de um mapa mental é permitido ao sujeito ser ativo, representando suas impressões e aspirações sobre o espaço conhecido e como as estruturas se materializam nesse espaço. O mapa mental é reconhecido pela Associação Internacional de Cartografia (2003) como constituinte da ciência cartográfica. Segundo a Associação Internacional de Cartografia, o mapa pode ser definido como:

Representação simbolizada da realidade geográfica, apresentando aspectos e características selecionados, resultante do esforço criativo do

autor, que é concebida para ser utilizada quando as relações espaciais têm importância essencial. (apud FERNANDES, 2008, p. 15).

Os mapas mentais são ferramentas pedagógicas potencialmente funcionais para representar as realidades geográficas além dos aparatos tecnológicos, aguçando a materialização das interpretações, dos olhares, das reflexões, dos avanços, das relações, dos limites, dos equívocos e das omissões estabelecidas pelos estudantes a respeito do espaço (RICHTER, 2011). Para Castellar (2011) a confecção e a manipulação de mapas mentais se mostram como uma prática cartográfica, que quando utilizada no processo educativo, sobretudo no ensino de Geografia, permite que suas representações sirvam como base para a compreensão dos conteúdos e conceitos geográficos, através da interpretação e observação da realidade mais concreta. O manuseio desses mapas no processo educativo acrescenta habilidades como, uma visão mais ampla do lugar, possibilitando o planejamento de rotas, reunindo grande quantidade de dados, estimulando a solução de problemas e permitindo perceber caminhos criativos. Será agradável de ver, ler, apreciar e lembrar (BUZAN, 2005). Além disso, pode funcionar como um recurso capaz de atrelar conceitos científicos às leituras de mundo e desenvolver interpretações intrínsecas acerca do espaço (RICHTER, 2011).

As representações transcritas pelas imagens diárias de um espaço percebido por diferentes olhares irão apresentar as experiências no lugar, onde ele se mostrará como um misto de construções temporais, concretas e simbólicas (SIMIELLI, 1999).

A sensibilidade e diversidade humana são elementos fundamentais no desenvolver das atividades com mapas mentais. Elevam as análises espaciais ao campo das particularidades vividas pelos sujeitos, que se constroem na órbita dos processos históricos, culturais e sociais de cada sujeito. O espaço socialmente construído, pensado pelos indivíduos como resposta a provas cotidianas com o lugar, materializados em representações, enriquecem os teores geográficos em todo o seu arcabouço (SANTIAGO, 2017, p. 49).

Os trabalhos com mapas mentais se apresentam como uma possibilidade de superação do uso mecânico da cartografia em sala de aula, como algo estático, voltado apenas para ilustrações nos materiais didáticos (RICHTER, 2011). Dessa forma, a cartografia é trabalhada de modo mais complexo, a exemplo dos fenômenos da cidade, como o lugar dos sujeitos participantes do estudo.

A cidade se configura como um espaço dinâmico e complexo, onde vive parcela crescente da população, composta por uma série de fenômenos espaciais

complexos que se constitui como um sistema fragmentado e articulado (CORRÊA, 2008) numa lógica espacial desigual e combinada, fruto dos “sistemas de fixos e fluxos” (SANTOS, 1996). Conforme aponta Martha de Alba:

La teoría de las Representaciones Sociales (Moscovici, 1961; Jodelet, 1982, 2005), puede ser una herramienta de análisis que permite estudiar la relación que los sujetos, individual (residentes) y socialmente (actores sociales), establecen con los espacios urbanos a diversas escalas, desde el ámbito de la casa hasta territorios que engloban ciudades, países o el vasto mundo (ALBA, 2004, p.2).

Trabalhar a cidade em sala de aula pela espacialidade, com o auxílio dos mapas mentais é fornecer aos alunos ferramentas necessárias para pensar o espaço que se vive, como integrante e agente do meio no qual suas atividades cotidianas acontecem, tornando esses sujeitos atuantes em detrimento da passividade. Assim, Castellar admite que:

A ideia é de se trabalhar com esses conteúdos para que se transformem em ferramentas conceituais para o pensamento do aluno. Esses conceitos permitem a ele, no estudo de Geografia, localizar e dar significação aos lugares, pensar nessa significação e no papel que os diferentes lugares têm na vida cotidiana de cada um, além da dimensão cultural. (CASTELLAR, 2011, p.167).

Utilizar as representações como interpretação dos lugares é uma importante ferramenta na compreensão da cidade, sobretudo, na busca por superar alguns problemas no ensino de geografia, propondo ao docente e ao aluno trabalhar a partir do lugar de vivência, despertando a cidadania e a criticidade. A expressão espacial, sob a ótica de um mapa mental, permite aos alunos a demonstração dos seus saberes geográficos sobre a organização e a estrutura da cidade, como também os processos que interferem na produção dos diferentes contextos do espaço urbano (RICHTER, 2011).

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

METODOLOGIA ADOTADA

A cidade se define como um espaço compartilhado, de interações e encontros. As imagens criadas da cidade pelos indivíduos não se constroem sozinhas, mas sim de maneira social, influenciada pelas representações já existentes, pelas categorias cognitivas disponíveis, pelas interações que se experiênciam e pela vivência que se tem da cidade (PEREIRA, 2011). Para Martha de Alba:

La ciudad es concebida como un producto histórico y cultural, y su representación un proceso de elaboración de significados, subyacente a la experiencia urbana [...] Las representaciones de la ciudad no son sólo construcciones simbólicas que realizamos en nuestra cabeza de manera individual, sino formas de pensamiento social que se nutren de diversas fuentes: la experiencia presente y pasada, el conocimiento adquirido en las aulas y a través de obras literarias, científicas o de divulgación, la tradición conservada en las costumbres y las creencias, la prensa escrita, la radio y la televisión (ALBA, 2006, p. 665).

Quando construída, a imagem do espaço urbano passa a ter um papel importante para o conjunto social que a compartilha. Além de ter potencial de formação de sua identidade por si só, permite o compartilhamento de referências e categorias, facilita a apropriação do espaço e torna a vivência urbana uma experiência que transmite sensação de segurança (PEREIRA, 2011).

Diante das limitações de tempo para realização prática da pesquisa, objetivou-se identificar elementos que compoñham essa representação social. Para isso, foram utilizadas as seguintes etapas na efetivação da oficina:

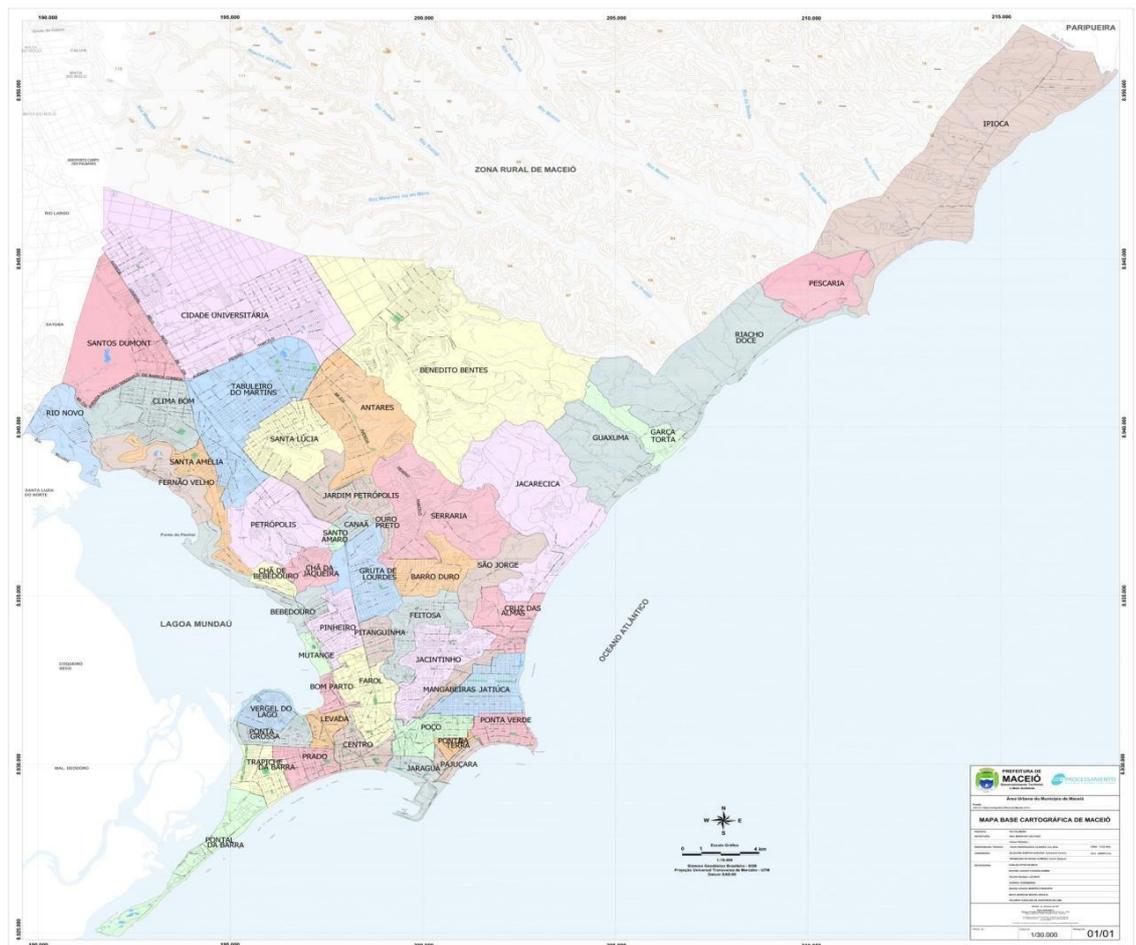
- Introdução e importância da categoria lugar no ensino da Geografia com a utilização de música e representações;
- Exposição sobre a localização, população, economia dentre as principais características do bairro;
- As origens, como o bairro foi criado, destacando sua historicidade;
- Os agentes produtores atuantes no bairro, qual sua importância e quais os problemas que eventualmente podem trazer para a população;

- O estado como mantenedor da infraestrutura: saneamento básico, saúde (postos), educação, segurança.
- Quais os principais problemas que os alunos conseguem perceber em todo esse contexto.
- A produção dos mapas mentais.

O BAIRRO DA JATIÚCA COMO CONTEXTO DA ESCOLA ALVO DA PESQUISA

O uso dos mapas mentais potencializa o uso da linguagem visual em seu cotidiano, tornando possível apresentar o quanto o bairro, em que uma escola está inserida se relaciona com seus alunos, destacando a forma que esses alunos vivenciam esse bairro. Assim, o bairro da Jatiúca se apresenta neste trabalho a partir da escolha de uma das escolas públicas que nele se inserem.

Imagem 3: Bairros de Maceió



Fonte: Prefeitura de Maceió, 2020. Disponível em: www.maceio.al.gov.br.

Tudo começou com um sítio de coqueiros preservado pelos herdeiros do historiador e folclorista Théo Brandão, à beira-mar. O último lote foi mantido até o ano de 2011, dando lugar a um empreendimento residencial. Em meados da década de 1970, houve a implementação de convênios do governo estadual na antiga Companhia de Habitação Popular de Alagoas – COHAB e o Banco Nacional de Habitação – BNH, que culminaram em inaugurações dos primeiros conjuntos habitacionais nos bairros da Jatiúca, Tabuleiro, Farol e Jacintinho.

Dessa forma, houve a construção do conjunto Castelo Branco, propiciando uma dinâmica social local. Ao final da década de 80, a Jatiúca já era um bairro com um grande desenvolvimento. Construiu-se o Shopping Maceió (Antigo Iguatemi) na divisa com Mangabeiras. Daí em diante, o caminho foi um só: para frente. Novas ruas foram abertas surgindo ainda vários estabelecimentos comerciais. A ascensão foi tão rápida que hoje já se chama de “Baixa Jatiúca”, a parte mais antiga, que fica nas proximidades dos conjuntos habitacionais e de “Jatiúca burguesa”, a que fica mais perto da orla marítima.

UM ESTUDO SOBRE A CATEGORIA LUGAR ATRAVÉS DOS MAPAS MENTAIS NA ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR ROSALVO LOBO

A proposta de produção dos mapas mentais pelos alunos consiste em representar fatos cotidianos que os circundam e que, por serem corriqueiros, podem estar despercebidos, mas que ao realizar o exercício de transpor, movimentar estruturas fundamentais a cartografia, e assim à Geografia, por se tratar da especialização de fenômenos através da representação.

Partindo desses pressupostos, a atividade de pesquisa desenvolveu-se em uma turma de 9º ano da Escola Estadual Professor Rosalvo Lobo, situada no bairro de Jatiúca, na cidade de Maceió – AL. A turma conta 21 alunos que frequentam as aulas regularmente, e estão na faixa etária entre 14 e 15 anos. A escolha da turma para essa faixa etária consiste na vivência que eles tiveram ao passar por todo o ensino fundamental, construindo seu conhecimento a partir de tudo que foi estudado até então.

A pesquisa foi formulada a partir de uma oficina que estimulou a interação dos alunos em sala, desenvolvendo sua capacidade de observação e percepção dos elementos que faziam parte da sua rotina enquanto área que circuncida a

escola. A maioria deles declarou que utilizam transporte escolar por morarem nos bairros adjacentes a escola. Dessa forma, houve diálogo constante com os alunos que declararam nunca terem confeccionado mapas, referentes ao seu conhecimento da área que fica ao redor da escola, nem outro tipo de mapa durante as aulas de Geografia.

A proposta da oficina em sala de aula, permitiu interpretações a cerca de que Geografia foi apresentada para esses alunos em suas aulas e a relação dessa com o cotidiano dos mesmos. Para tanto a oficina foi distribuída a partir de quatro aulas com atividades e recursos diferentes do que eles utilizam em suas aulas.

Aula 1 - Foi utilizada a música “Vida Boa” do compositor Victor Chaves, onde os alunos tiveram que ouvir fazendo uma análise da letra, que aborda aspectos cotidianos do lugar do personagem da canção, onde ele descreve o seu lugar e as características que se encontra nele, apresentando de uma forma positiva a sua visão de mundo.

Imagem 4: Alunos em análise sobre a letra da canção



Fonte: Elaborada pela autora, 2020.

Nesta primeira aula apresentada na imagem 1, podemos perceber e verificar que os alunos não possuem aproximação em diferentes formas de ensino para as suas aulas além do livro didático, tendo a utilização de uma música para abordagem

do tema proposto pela pesquisa com uma certa indiferença. Porém com o decorrer do diálogo quanto a letra da canção em todo o período dessa primeira aula, conseguimos dialogar e cantar também a estrofe da canção.

A premissa social faz da Geografia uma ciência de participação, de construção, de diálogo, entre sujeitos envolvidos e engajados. Na Geografia escolar, especificamente no processo de ensino e aprendizagem, percebe-se a figura de dois importantes agentes: O professor e o aluno. Nesse sentido, o educando é valorizado como protagonista no processo de ensino-aprendizagem, de maneira que o conhecimento expresso por esse indivíduo deve ser valorizado e encontrar abrigo nos discursos teóricos dos professores, de maneira que tal ensino não fique desconexo com a realidade apreendida pelo aluno.

Aula 2 – A segunda aula da oficina ficou para a produção de desenhos. Após ouvirem e estarem com a letra disponível, foi solicitado que em grupos, eles desenhassem o lugar retratado na canção.

Dessa forma, a turma foi dividida em cinco grupos, onde eles discutiram e desenharam assim elementos que em acordo consideraram pertinentes à letra que a canção trazia. Desses cinco grupos, um deles se destacou de forma expressiva, trazendo elementos que demonstram o cotidiano, natureza e cultura. Segue trecho da canção aplicada e o mapa produzido em sala de aula:

*Moro num lugar
 Numa casinha inocente do sertão
 De fogo baixo aceso no fogão
 Fogão à lenha ai ai*

*Tenho tudo aqui
 Umas vaquinha leiteira
 Um burro bão
 Uma baixada ribeira
 E um violão e umas galinha ai ai*

*Tenho no quintal
 uns pé de fruta e de flor
 E no meu peito por amor
 Plantei alguém (plantei alguém)*

*Que vida boa ô ô ô
 Que vida boa
 Sapo caiu na lagoa
 Sou eu no caminho do meu sertão*

No mapa abaixo, um dos cinco grupos de alunos, conseguiram inserir nesse desenho muitos elementos citados na canção, destacando a percepção quanto à letra da canção e do que se esperava que fosse desenhado na cartolina, como por exemplo, “uns pé de fruta e de flor”, além da lagoa e os cactos característicos da vegetação encontrada no sertão brasileiro. Ainda que esses alunos não tenham ido ao sertão nordestino, podemos perceber a sua compreensão e conhecimento quanto à paisagem do sertão.

Imagem 5: Representação social



Fonte: Dados coletados pela pesquisa.

Assim, podemos afirmar que os mapas mentais surgem, nessa perspectiva, como um importante ponto de partida para se discutir conceitos importantes na Geografia, buscando a partir do educando uma primeira apreensão de maneira a tornar o ensino de Geografia mais próximo e democrático. Cabendo ao professor o importante papel de aliar esse conhecimento empírico aos conceitos e teorias propostos em sala, a fim de se construir, dialogicamente, o conhecimento.

Aula 3 – Para a terceira aula da oficina, foram utilizados slides que abordaram a questão histórica do bairro e os agentes de reprodução das cidades, apresentando uma visão mais ampla quanto aos aspectos sociais de cada lugar e o papel de cada um na paisagem e na condição estabelecida de cada lugar. Ao

“impor” condições à elaboração das representações, traríamos uma visão limitada (ou até mesmo uma padronização) as maneiras de representar o espaço. Isso acarretaria consequências à análise da funcionalidade dos mapas, dessa forma, essa etapa foi de extrema importância para que os alunos compreendessem a necessidade de pensar e questionar o seu lugar, neste caso, da área que circuncida a escola que eles frequentam. Dessa forma, partimos para mais uma aula de prática, com a elaboração dos mapas mentais.

Aula 4 – Nesta aula tivemos a elaboração dos mapas mentais. Foi explicado aos alunos que a atividade não seria avaliativa, e que fazia parte de uma pesquisa de conclusão de curso, acerca do ensino da Geografia escolar. Sendo assim, os alunos, concordaram em fazê-la sem apresentar resistência ou ar de descontentamento, pelo contrário, demonstraram não só nos mapas, mas verbalmente, a percepção que possuem dos arredores da escola, abrindo diversos parênteses a serem debatidos e questionados.

A Geografia quanto ensino em sala de aula se mostrou com muitas dificuldades de aprendizagem, com um contexto onde os alunos não se apresentam motivados, pois as técnicas de ensino deveriam fazer com que eles se aproximassem de sua realidade. No entanto, trabalhar a categoria lugar permitiu com que eles, os alunos, desenvolvessem seu pensamento crítico, relacionando o mapa onde eles mesmos produziram aos anseios e implicações contestadas sobre o seu lugar de ensino e onde ele está inserido.

Imagem 6: Elaboração dos mapas mentais



Fonte: Elaborada pela autora, 2020.

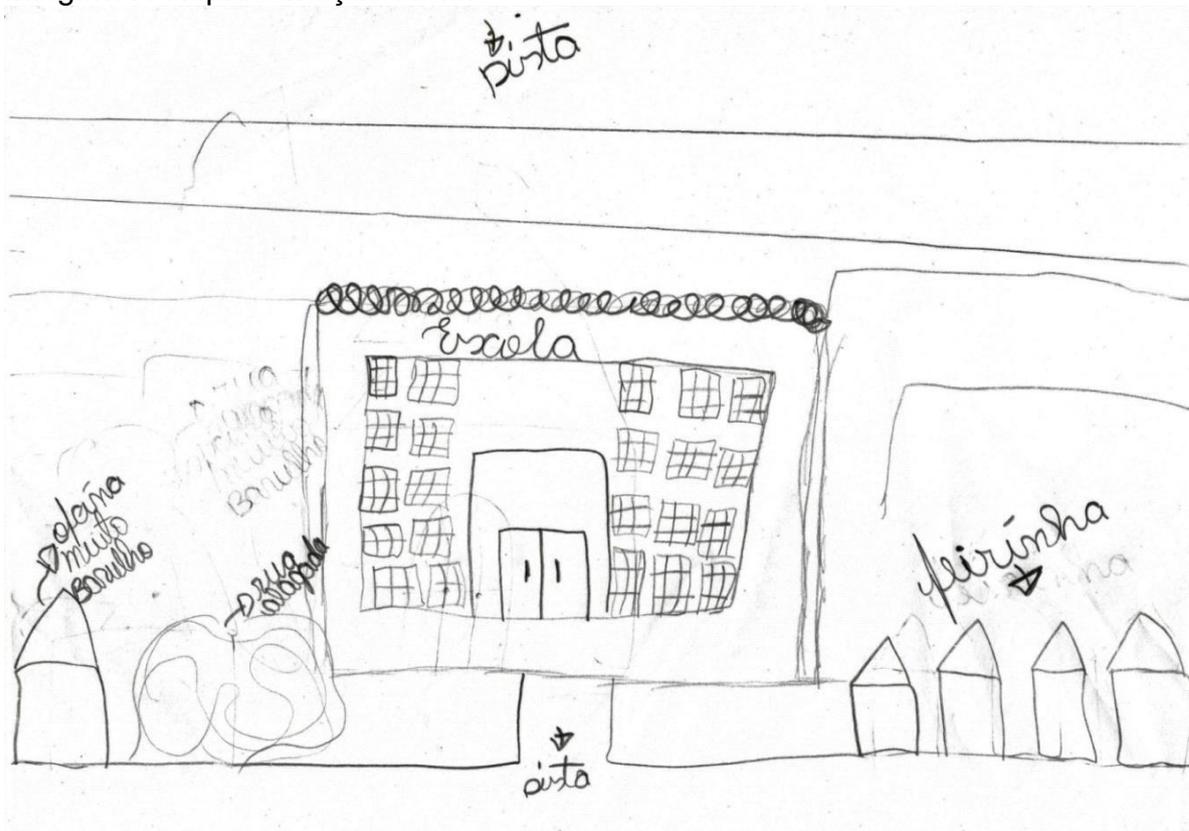
Na imagem 2, diferente da elaboração do desenho retratando a letra da canção Vida Boa, podemos observar que cada aluno busca através do seu próprio desenho, uma análise quanto a sua escola e onde ela está inserida, geograficamente e englobando assim também seus aspectos sociais. Os mapas mentais como ferramenta pedagógica, possibilitou que os alunos pudessem pensar a partir de suas próprias visões, fazendo com que a compreensão que eles já possuíam de suas vivências, tornasse as suas representações muito mais concretas e pessoais. A Geografia é própria a trazer esse olhar crítico, ao aluno que dela se apropria.

Nesse contexto, é evidente o estabelecimento das relações com o modo que cada aluno se relaciona com a própria escola e sua visão crítica quanto aos problemas que foram destacados em cada mapa, uma representação social que apresenta as mais diversas problemáticas. As representações espaciais, iniciadas pelos mapas mentais, são importantes para estimular a criatividade do aluno bem

como, para ajudar ao aluno a aprender a observar as realidades com as quais convive e construir sua criticidade diante das realidades de seu lugar. Dessa forma, iremos destacar alguns desses mapas e quais foram os problemas centrais apresentados por cada aluno por meio desses mapas.

Cada estudante é visto como um mundo a ser explorado a partir de momentos singulares que acontecem durante o percurso de suas vivências, uma vez que são estas vivências que o levam a explorar seu lugar no mesmo instante que é instigado a refletir sobre outras realidades, como por exemplo, a estrutura que sua escola ou o seu bairro apresenta e alinhados a outras escolas e outras realidades.

Imagem 7: Representação social



Fonte: Dados coletados pela pesquisa.

Nesta figura 4, vemos que o aluno que produziu esse mapa mental, destacou a representação da poluição sonora a partir de uma oficina que fica ao lado da escola, além da rua alagada. As pistas também são apresentadas nessa representação. A Geografia se apropria de muitos aspectos da vida humana e que em sociedade considera também outros elementos, sejam eles positivos ou

negativos como os problemas urbanos, destacados na condição do aluno e da escola e parte de suas vivências, observando-as e mesmo sem perceber, sendo apreendido por sua própria vivência.

Pois o trabalho do ser humano é diverso e não se finda, e o espaço geográfico que é resultado dele está sempre se transformando, professores e alunos, ainda que em escalas distintas, podemos questionar e analisar essas inúmeras interferências. O ambiente escolar é um local de ampla interação que permite essa troca de conhecimentos em um momento de (des) construção e (re) construção, onde todos são levados ao mesmo tempo a determinados acontecimentos, mas resultam em diferentes indagações, procurando sempre findar com as curiosidades apresentadas em sala de aula.

Imagem 8: Representação social



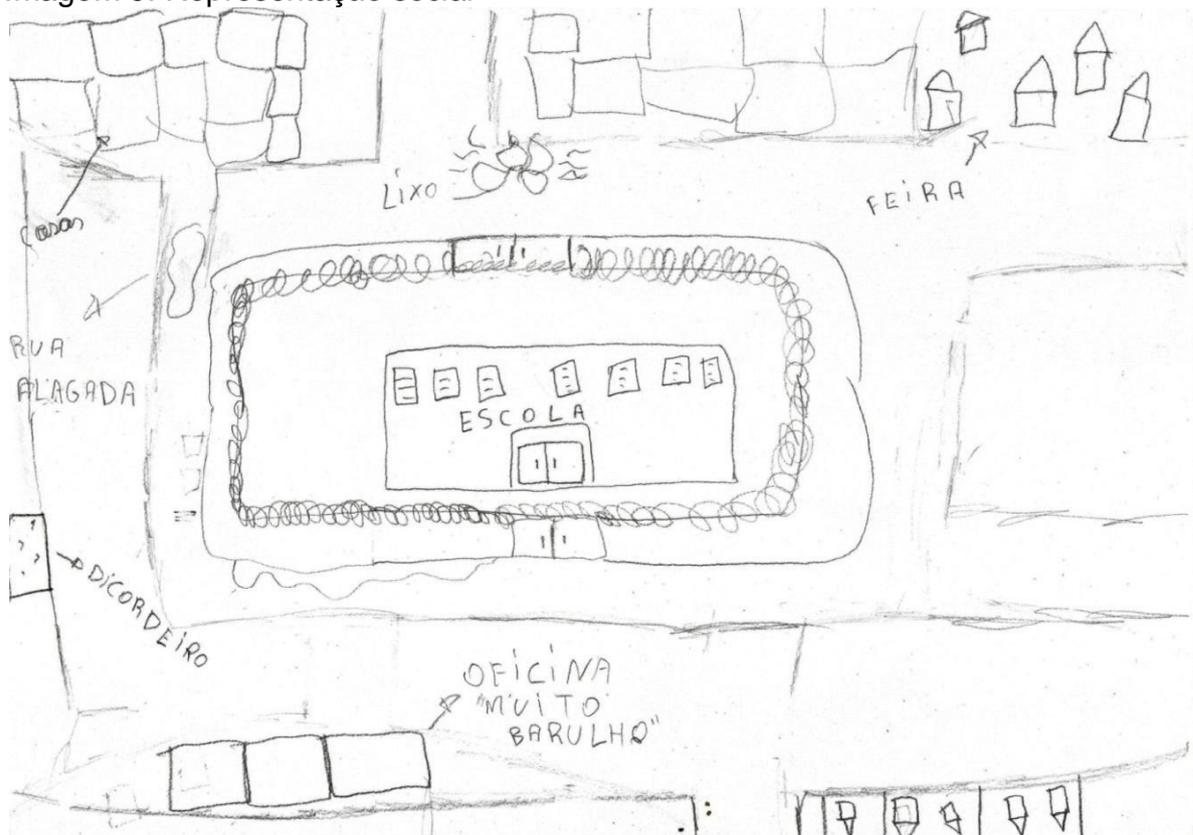
Fonte: Dados coletados pela pesquisa.

Nesta figura 5, notamos que o aluno possuía uma maior interação com o espaço que circuncida a escola. Ele destaca a padaria e a feira como pontos comerciais e ainda escreve "coisas caras" demonstrando sua visão quanto ao valor dos produtos nela vendidos. Durante a aplicação, o mesmo ressaltou que a feirinha

vende uma variedade de frutas e legumes, mas que ele não pode ter acesso a esse comércio, pois para ele, os itens vendidos são bem mais caros que em outros lugares frequentados por ele e sua família, sendo um aluno que morava nos bairros adjacentes a escola e utilizava transporte escolar para chegar em sua escola. Nele ainda vemos outros estabelecimentos de conhecimento do aluno, como as oficinas, que mais uma vez apresenta o “barulho” nela produzido.

As representações se caracterizam por diversos elementos, colaborando para a comunicação e a troca de informações através desses elementos, sejam eles símbolos ou palavras. A confecção de mapas mentais permite que sejam usados vários sistemas de símbolos, que mostrem os questionamentos e ressaltem condicionalidades do lugar que é vivenciado dia após dia, sejam as ruas com buracos, sejam elas alagadas, e até sobre o valor de produtos do comércio nele presentes.

Imagem 9: Representação social

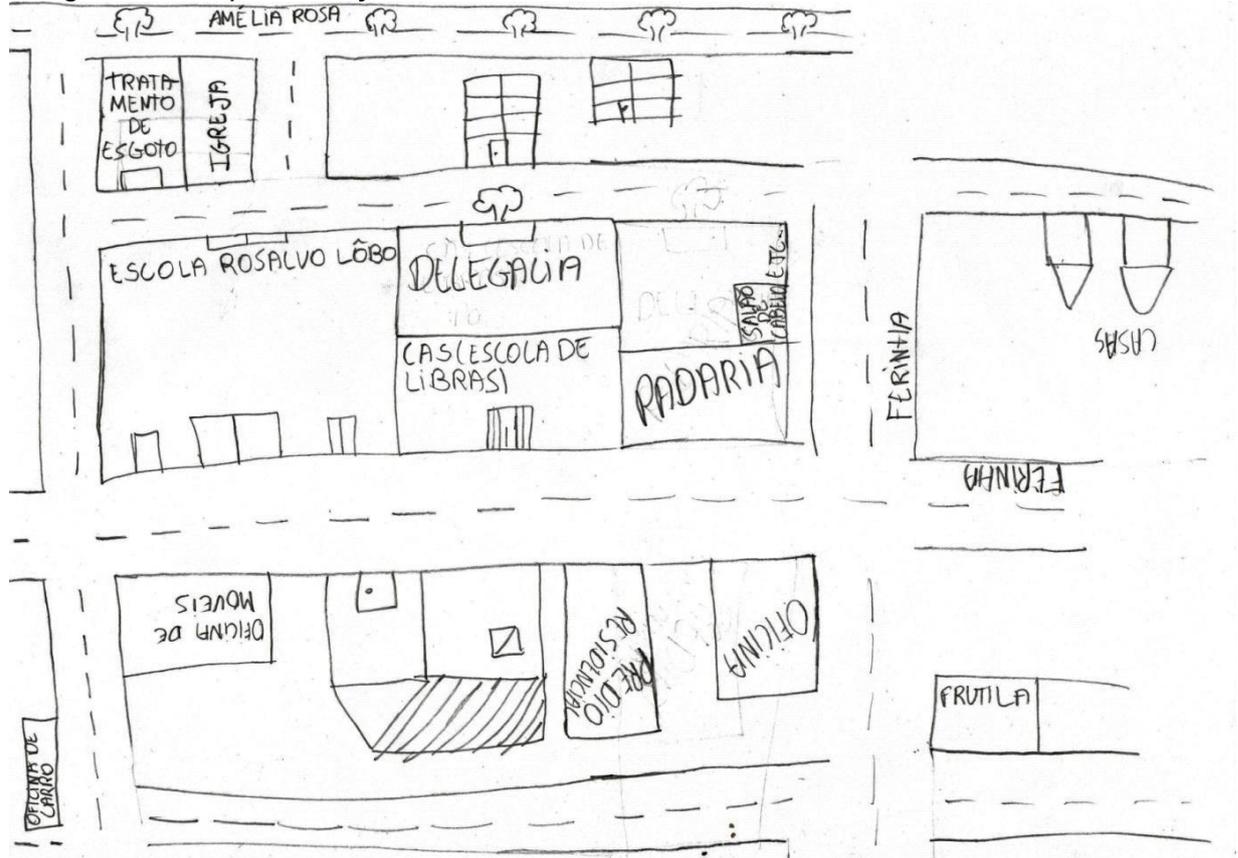


Fonte: Dados coletados pela pesquisa.

É possível verificar mais uma vez, na figura 6, problemas referentes à infraestrutura, como rua com buracos e ruas alagadas. É importante destacar que essas observações são relatadas a partir dos problemas vivenciados pelos alunos

em dias de fortes chuvas, onde existe a necessidade do acesso das ruas tanto pelos pedestres, quanto o transporte escolar, dificultando bastante a chegada e a saída desses alunos da escola. Além desde, outro fator que é apontado novamente é referente ao barulho que as oficinas de trabalho localizadas ao redor da escola produzem durante o horário das aulas.

Imagem 10: Representação social



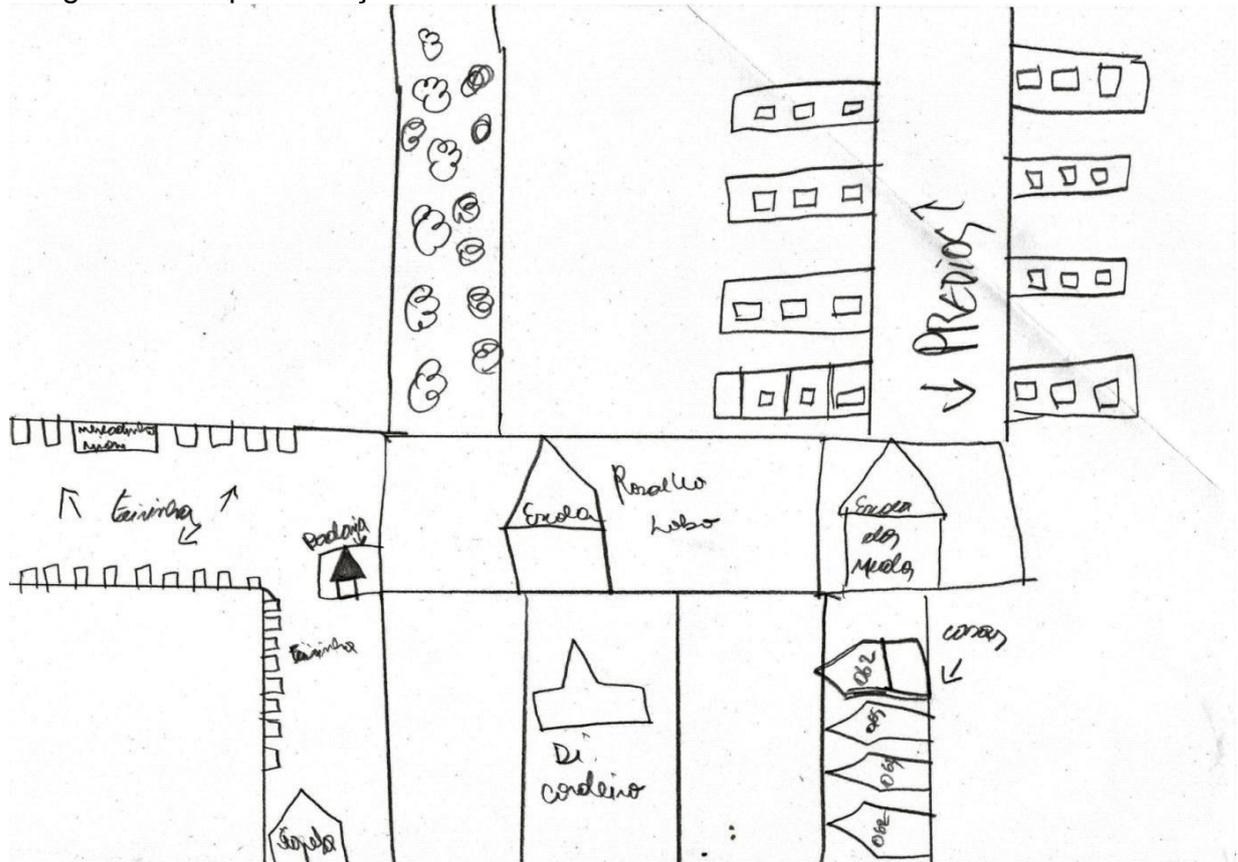
Fonte: Dados coletados pela pesquisa.

No mapa apresentado nessa figura 7, podemos observar uma área mais ampla no que se refere ao território que está em torno à escola. O aluno conseguiu ampliar a localidade do bairro a partir das vias de circulação em destaque no desenho, demonstrando uma maior percepção ao que refere ao local central do entorno da escola e também para a avenida depois de alguns quarteirões, como ele mesmo escreveu, “Amélia Rosa”. Além de conseguir desenhar as ruas em destaque, vemos os vários estabelecidos também citados pelo aluno, assim como os prédios residenciais.

Do ponto de vista da cartografia, podemos verificar nos mapas mentais algumas noções cartográficas, podendo citar a orientação e direção dos objetos e

estabelecimentos representados, assim também como a referência, quando selecionam e elegem pontos mais significativos para representar no papel, além de outros conceitos que poderiam ser explorados. Através dessa atividade, ele trabalha com todos os elementos essenciais da cartografia quanto a sua forma de expressão, através da linguagem gráfica.

Imagem 11: Representação social



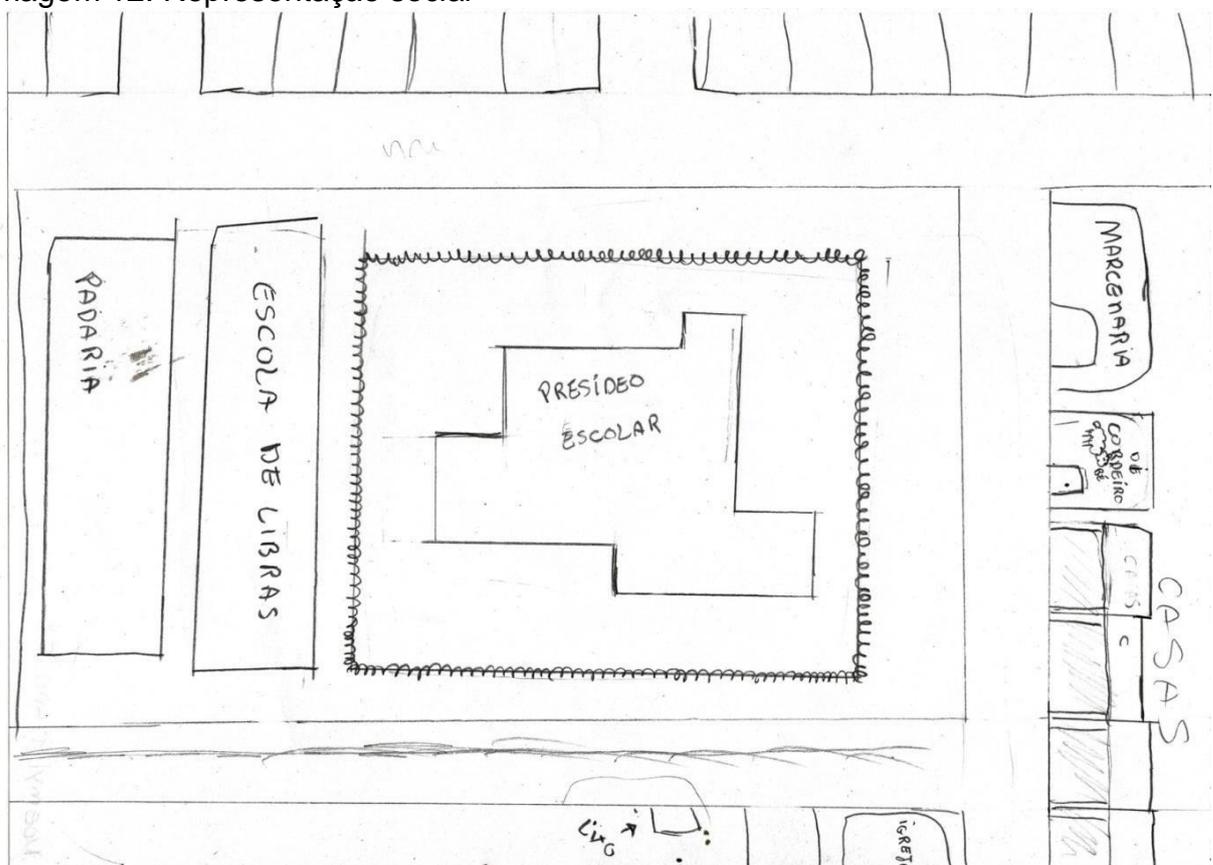
Fonte: Dados coletados pela pesquisa

No mapa acima, apresentado pela figura 8, podemos observar a noção cartográfica passível de compreensão sobre as distâncias entre os elementos destacados. Mapas tradicionais trazem a ideia representada metricamente, já os mapas mentais partem de uma representação qualitativa da distância. Ou seja, o aluno se observa nesse espaço, organiza e reorganiza em seu cotidiano a partir de outras métricas que não são matematicamente calculadas. Podemos destacar a organização dos prédios que foram desenhados no transcórre das vias de circulação, apresentando a sua localização quanto à direita e esquerda da rua. A distância analisada e representada nos mapas mentais associa-se também a ideia de longe e perto, a partir das perspectivas individuais.

A educação tem que ser libertadora. A perspectiva do mapa abaixo, figura 9, nos apresenta uma visão inversa a este fato, fazendo um paralelo da escola com uma prisão. A consciência espacial das coisas, através do conhecimento geográfico, dos fenômenos e das relações sociais existentes no mundo onde se insere, produz o olhar do aluno, seja sistematizando a ideia de que a escola faz parte de um processo obrigatório e monótono para formação básica, seja então construindo um conhecimento particular, um desenvolvimento que implica em um processo contínuo, vinculado à vida e ao contexto social de cada aluno.

Dessa forma, observar que na produção dos mapas, alunos evidenciaram a escola como um lugar de opressão, onde estão ali para cumprir determinada atuação é preocupante, pois a liberdade que a escola deveria apresentar com a apropriação do conhecimento está sendo entendido ao inverso no que se refere ao compartilhamento de ideias. A Geografia enquanto ciência obrigatória para o ensino deve buscar a importância sobre o espaço vivido por cada aluno, e até para além do que se vive, do que é compreendido e evidenciado por cada aluno.

Imagem 12: Representação social



Fonte: Dados coletados pela pesquisa

O professor de Geografia aguça a sua criatividade ao buscar novos recursos metodológicos, objetivando formar no aluno o pensamento crítico, onde o sujeito seja capaz de transformar a realidade em que vive. É importante transformar a possível visão de que a escola aprisionará o aluno, o limitando, mas mostrando que a escola é o local onde primeiramente se abrem as portas para o mundo, em sua compreensão e possibilidades.

Nesta perspectiva, Oliveira (2005, p.25) ressalta que: “cabe à Geografia levar a compreender o espaço produzido pela sociedade em que vivemos hoje, suas desigualdades e contradições, as relações de produção que nela se desenvolvem e a apropriação que essa sociedade faz da natureza”. Dessa forma, entende-se que o ensino de Geografia procura desenvolver uma compreensão de mundo de forma mais abrangente, por isso, se faz necessário trabalhar com atividades práticas, para que o aluno possa associar o conteúdo abordado com a realidade, e desta forma ser capaz de entender às transformações ocorridas ao seu redor.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É fundamental salientar a necessidade de se construir uma Geografia que aproxime o aluno para a sua realidade, de forma que ele se enxergue como autor e participante da transformação desse espaço. A compreensão do conhecimento do espaço-mundo se dará inicialmente nesta pequena escala da sua vida, primeiramente escolar e conseqüentemente social. Se o aluno não consegue aplicar seu esforço na compreensão apenas de uma parcela do que vive, tão pouco se fará atuante na transformação do seu lugar aplicando a sua cidadania.

Nossa mente é complexa e com o auxílio dos mapas mentais podemos atuar com uma Geografia aplicada a vida cotidiana dos alunos, constituindo assim, como uma ferramenta pedagógica eficaz para o ensino. Nesse contexto a Geografia transforma o olhar do aluno, deixando para trás o olhar sem significados e trazendo um novo olhar, com ideias e pensamentos significativos, sendo eles pessoais e dessa forma, embarcando numa ideia para a sociedade.

Diante dos expostos, chegamos a algumas considerações sobre as possibilidades com os mapas mentais no ensino da Geografia. É interessante ressaltar que aqui não nos propomos em criar procedimentos únicos, mesmo porque, fugiria de que a educação e seus processos são contínuos e dinâmicos, que se deve considerar a diversidade dos sujeitos e do espaço que a constitui para que se torne efetiva.

A escola enquanto instituição social e estruturada está presente no espaço e com esse dialoga a partir da sua dinâmica sociocultural de construção, caso contrário, o ambiente escolar constituiria o espaço apenas como uma estrutura física e rígida sem exercer o papel de formação cidadã dos sujeitos.

A cidade e suas dinâmicas urbanas constitui atualmente o lugar de atividade cotidianas da maioria das pessoas. Essa situação é uma formação construída ao longo de processos sócio-históricos de desenvolvimento. O espaço que envolve as cidades reflete em si marcas de uma sociedade diversa que ali habita, em toda a sua complexidade relacional, sobretudo, no que tange a própria relação que é estabelecida no lugar de cada indivíduo. Assim, permitir e criar condições para que os processos educacionais envolvam a realidade vivenciada levará ao aluno conhecer, de modo mais sistemático, o lugar em que vive e construir os conceitos necessários para essa aprendizagem.

Os mapas mentais atendem a pontos que envolvem o cotidiano dos sujeitos e aquilo que eles constroem acerca disso. É possível identificar a percepção

espacial representada, como também à forma crítica apresentada nos problemas encontrados individualmente de aspectos que envolvem o cotidiano da vida desses alunos, que é a rotina escolar e seu lugar. Vimos a validade da necessidade de utilizar-se das imagens construídas mentalmente.

Os mapas mentais nos dizem muito sobre a percepção espacial do sujeito, suas apreensões, intencionalidades, emoções, preferências e invisibilidades. Esse recurso nos mostra de onde ele fala, precisamos estar aptos a ouvir, mesmo que o trajeto ou área representada seja comum a vários sujeitos, sempre encontraremos indicativos pessoais da sua visão, neste caso do mundo a partir do que é encontrado no seu lugar. Os mapas mentais nos indicam um mesmo lugar que é visto e vivenciado de diversas formas, de acordo com as particularidades de cada um.

A partir da elaboração dos mapas mentais temos uma diversidade da compreensão espacial. Observar que os alunos conseguiram compartilhar de suas relações com o seu lugar de forma crítica, pode abrir outros caminhos ainda mais complexos do conhecimento geográfico, como expandir conceitos e ampliar sua visão de mundo. A verificação do lugar onde a escola é atuante nos apresenta a necessidade de se pensar a escola como parte fundamental da construção da cidadania de cada aluno, visando promover ideias que englobem as mudanças quanto as experiências negativas vivenciadas onde os próprios alunos desenharam e citaram através dos mapas mentais, representações sociais que não deveriam ser apresentadas daquela maneira quanto sensações e a percepção dos alunos em relação ao lugar ao qual a escola está inserida.

Conhecer o mundo torna o aluno participante deste, de uma maneira que possa assumir uma nova postura diante do que lhe é imposto pela sociedade. Dessa forma, o aluno pode e deve organizar suas informações, analisar o concreto, buscar respostas para as suas implicações, questionar explicações, e teorizar, buscando a compreensão dessa importante porção espacial que é o seu lugar.

Tornar o ensino da Geografia interessante para os alunos se constitui um desafio para os professores, mas somente respeitando a leitura de mundo que ele faz do seu lugar, podemos começar a traçar planos, ideias de forma mais efetiva e concreta, de modo real, como um dos impulsos fundantes da produção do conhecimento. Se o espaço se transforma, e de forma veloz, estudá-lo não é algo simples, é complexo, mas a Geografia está para isso, para as questões complexas

desse mundo, buscando respostas para a construção do conhecimento, e dessa forma, validamos a própria Geografia, afinal, todo lugar é lugar para a Geografia.

REFERÊNCIAS

ALBA, M. Experiência urbana e imágenes colectivas de la Ciudad de México. In: **Estudios Demográficos y Urbanos**, vol. 21, n. 3 (63), p. 663-700. México, 2006.

ALBA, M. Mapas mentales de la ciudad de México: una aproximación psicosocial al estudio de las representaciones espaciales. In: **Estudios Demográficos y Urbanos**, vol. 19, número 55, p. 115-143. México, 2004.

AIGNER, C. H. DE O. Geografia e educação ambiental: construindo cidadania a partir da valorização do lugar na escola municipal Professor Larry José Ribeiro Alves. In: AIGNER, C; MOLL, J; REGO, N (orgs). **Saberes e práticas na construção de sujeitos e espaços sociais**. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio: ciências humanas e suas tecnologias**. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Versão definitiva. Brasília: MEC, 2017.

CALLAI, H. C. A geografia e a escola: muda a geografia Muda o ensino? **Terra Livre**, São Paulo, n.16, p 135-152, 1º semestre/2001.

_____. Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. **Centro de Estudos Educação e Sociedade – Cedes**, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 227-247, mai/ago. 2005.

_____. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, p. 72-112, 2000.

CARLOS, A. F. A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007, 85p.

CASTELLAR, Sônia. A cartografia e a construção do conhecimento em contexto escolar. In: ALMEIDA, R. D. (org.) **Novos rumos da cartografia escolar: currículo, linguagem e tecnologia**. São Paulo: Contexto, 2011.

CASTROGIOVANNI, A. C. **Ensino de Geografia: Práticas e textualização no cotidiano**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2002.

CAVALCANTI, L. S. **Geografia, Escola e construção de conhecimento**. São Paulo: Papirus, 2001.

_____. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.

CORRÊA, R.L. **A geografia escolar e a cidade**: ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana. Campinas: Papyrus, 2008, 192p.

DAMIANI, A. **A geografia e a construção da cidadania**. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (org.). Geografia na sala de aula. São Paulo: contexto, 2001.

FERNANDES, M. G. **Cartografia**: programa, conteúdos e métodos de ensino. Lisboa. 2008. Relatório que inclui “o programa, os conteúdos e os métodos de ensino teórico e prático das matérias da disciplina” de Cartografia. Universidade do Porto, 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários a prática educativa. 18. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2001.

KAERCHER, N. A. et al. A geografia no ensino médio. In: CASTROGIOVANI, Antonio Carlos. *et al.* (org.). **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. 4. ed. Porto Alegre: editora da UFRGS, 1999a.

MASSEY, D. B. **Pelo Espaço**: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

_____. Geografizando o jornal e outros cotidianos: práticas em Geografia para além do livro didático. In: CASTROGIOVANI, Antonio Carlos. *et al.* (org.) **Ensino de Geografia**: Práticas e textualização no cotidiano. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2002.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

MOREIRA, R. **O que é geografia**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

NASCIMENTO, L. K. **O lugar do Lugar no ensino de Geografia**: um estudo em escolas públicas do Vale da Ribeira – SP. São Paulo, 2012. 265p.

OLIVEIRA, L. S. **Tratado de metodologia científica**. 2.ed. São Paulo: Pioneira, 2000.

PINTO, K. S. **Representações sociais atribuídas ao (sub)espaço geográfico escola**. Porto Alegre: UFRGS/PPGEA, 2010. 117 f.il.

RICHTER, D. **O mapa mental no ensino de geografia:** concepções e propostas para o trabalho docente. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

SANTIAGO, B. C. F. **O uso dos mapas mentais no ensino de Geografia como possibilidade de inserção do lugar para uma aprendizagem significativa.** Juiz de Fora:UFJF/ FEPPE, 2017. 151 f.

SANTOS, L. P. **Estudo do lugar no ensino de geografia:** os espaços cotidianos na geografia escolar. Rio Claro - SP 2010.

SANTOS, M. **A natureza do espaço:** técnica e tempo razão e emoção. São Paulo. Edusp. 1996.

_____. **Da totalidade ao Lugar.** 1 ed. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2008.

_____. **Metamorfose do espaço habitado, fundamentos Teórico e metodológico da geografia.** Hucitec.São Paulo 1988.

_____. **Por uma Geografia Nova.** São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.

SIMIELLI, M. E. Cartografia no ensino fundamental e médio. In: **A Geografia em sala de aula.** São Paulo: Contexto, 1999.

_____. O mapa como meio de comunicação e a alfabetização cartográfica. In: ALMEIDA, R. D. D. **Cartografia escolar.** São Paulo: Contexto, 2014.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Espaço geográfico uno e múltiplo. **Scripta Nova: Revista Electronica de Geografia y Ciências Sociales,** Universidad de Barcelona, n.93, 2001.

VESENTINI, J. W. Educação e Ensino de Geografia: instrumento de dominação e/ou libertação. In: FANI, Ana Alessandri Carlos (org). **Geografia e Sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2003 p. 14-34.